

TAREFA DE CASA: um dos determinantes do rendimento escolar*

*Rose Mary Guimarães Rodrigues***

RESUMO: Esta pesquisa objetivou mostrar como a realização da tarefa de casa afeta o rendimento acadêmico do aluno excelente, bom/muito bom e fraco na disciplina Matemática. Foi utilizada a observação direta com 122 alunos e 03 professoras em quatro classes, uma de terceira e três de quarta série do ensino fundamental, escolhidas por sorteio; e entrevistas com 22 desses alunos, suas professoras, seus pais e a diretora.

Notas, atitudes, disciplina e classificação da professora foram considerados como medidas de desempenho do aluno da escola da Rede Federal de Ensino da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

ABSTRACT: The aim of this research was to show how homework tasks could increase academic results of students with excellent, good and poor performance in Mathematics. Direct observation was applied in classes with 122 students, 03 teachers in four classes of basic courses: one of third degree and three others of fourth degree. These classes were lot picked. It was made an interview with 22 of these students, their teachers, their parents and the Director of the school and three of fourth degree.

* Este artigo é parte da dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Uberlândia, intitulada: "Dever de casa e desempenho acadêmico na disciplina Matemática das 3^{as} e 4^{as} séries do ensino fundamental", sob a orientação da Professora Dra. Eulália Henrique Maimoni, a quem agradeço de coração, pela grande contribuição ao meu trabalho.

** Professora no Curso de Pedagogia do UNIT – Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia – Minas Gerais.

Marks, attitudes, interest, discipline and a rating established by the teacher were considered as measurement data on the student development at a federal school in Uberlândia, Minas Gerais, Brazil.

Introdução

As pesquisas sobre rendimento da aprendizagem nos últimos anos têm trazido informações sobre o porquê de certas crianças apresentarem melhor desempenho acadêmico que outras.

Entre os vários determinantes do desempenho acadêmico, o acompanhamento escolar em casa tem sido considerado como um dos que mais tem contribuído para o bom desempenho do aluno (MACHADO, 1994).

Como a forma mais comum de acompanhamento dos estudos pelos pais é por meio da “tarefa de casa”, decidiu-se estudar esse tipo de acompanhamento; variável pouco estudada na realidade brasileira.

Como não seria possível, no presente caso, um estudo que abarcasse todas as disciplinas escolares, optou-se pelo estudo da tarefa de casa da disciplina Matemática.

Essa opção se deu em função da objetividade da mesma, o que facilitaria o trabalho de observação da tarefa de casa no caderno do aluno, quando se fosse verificar se o mesmo a teria realizado, e também devido ao fato de a mesma ser considerada comumente como a mais difícil das disciplinas pelos alunos.

A tarefa escolar, tarefa de casa, dever de casa, lição de casa, para casa ou atividade extra-classe foi aqui considerada como qualquer atividade acadêmica solicitada pelo professor ao aluno, para ser realizada fora da sala de aula.

Os fatos mostram que é por meio da tarefa que o professor solicita, e que o aluno tenta fazer, que este último terá maior oportunidade de saber se entendeu bem, ou não, o conteúdo ministrado pelo professor, que poderá ser revisto na correção. Essa atividade de casa, entretanto, é

complexa, pois é um círculo vicioso: por um lado, o professor precisa de passar a tarefa (que quantidade? de que forma solicitar? o que solicitar? motivou ou não? refere-se a conteúdo dado em sala? explicou o objetivo do conteúdo ao aluno para que ele tenha maior interesse?); por outro lado, o aluno precisa tentar fazê-la (tem interesse? sente-se motivado a fazer a tarefa? o conteúdo lhe chama a atenção? sente-se desmotivado a fazer a tarefa devido à quantidade? não vê necessidade de fazê-la, pois a professora não confere sua tarefa e também não vale nota? atrapalha brincar e também assistir televisão?) e mais ainda; os pais (motivam? organizam local sossegado para resolver a tarefa? sabem se comportar perante as solicitações de pedido de ajuda do filho? como comportar-se perante as dificuldades do filho na tarefa? têm condições para dispor de livros, revistas e atender todas as solicitações da escola?).

Partindo dessas interrogações, nossa inquietação parece então ter razão de ser, pois são indagações presentes em vários lares e escolas e que se procurou clarear por meio desse nosso trabalho, tentando focalizar e descrever o mais completamente possível o que ocorre em torno da “tarefa de casa”. No entanto, esta pesquisa não abarca todos os fatores envolvidos, tanto referentes aos aspectos cognitivos, como aos afetivos e sociais. Dessa forma, este estudo de observação, considerado segundo ANDRÉ (1995) com características etnográficas, teve como hipótese que fazer tarefa de casa pode provocar um efeito positivo sobre o rendimento escolar do aluno. Portanto, o objetivo geral do estudo foi verificar em que condições ocorre a tarefa de casa de Matemática de uma escola de ensino fundamental e como isso afeta o desempenho escolar do aluno, suas percepções e motivações.

Revisão de literatura

Ainda hoje, no limiar do século XXI, cada vez menos estudiosos do assunto acreditam que as raízes do problema do baixo rendimento escolar possam ser totalmente encontradas nos limites do pequeno

universo individual do aluno, como se pensava tradicionalmente. Assim sendo, consideram-se como principais determinantes do rendimento escolar do aluno, podendo influenciar positiva e negativamente, não só as questões relacionadas a ele, mas também as que envolvem a instituição, professores e a família do aprendiz. Como a tarefa de casa envolve todos esses aspectos, busca-se revelar a idéia que se tem de sua influência no rendimento do aluno e da importância dada à mesma.

Segundo FAGUNDES (1991), os pais e, mais especificamente, as mães têm funções relacionadas ao dever de casa do seu filho.

Quanto a isso, WEIL (1993) esclarece que aquele pai que faz todo o dever para o filho, restando ao segundo apenas copiá-lo, pode provocar um resultado desastroso, pois a criança provavelmente não terá aprendido nada. Por outro lado, se os pais também não tomam conhecimento do dever de casa, ficando este inteiramente sob a responsabilidade do filho, isso também pode trazer prejuízo ao aluno:

“quando estes são bem dotados e acompanham regularmente a escola não há problemas, principalmente quando as crianças têm hábito de estudos pessoais; mas quando pelo contrário, os filhos em vez de fazerem os deveres escolares ficam brincando na rua ou olhando televisão, haverá sérias dificuldades” (p. 142).

O autor ressalta que também existem pais que substituem os professores, quando os filhos estão fazendo os deveres. Explicam ou mesmo reexplicam tudo ao filho. Poderá até dar resultado, se os pais tiverem paciência com os filhos; do contrário, há a possibilidade de surgir aversão pelos estudos, como, por exemplo, quando os pais se limitam a castigos, em função de o filho não querer fazer a tarefa de casa ou mesmo quando traz más notas. Existem outros que esperam os filhos não entenderem determinado conteúdo, para dar-lhes as explicações necessárias. *“Qual a solução certa? Qual deve ser o papel dos pais no que se refere aos deveres escolares?”* (p. 143), indaga o autor.

A partir de então ele coloca alguns princípios básicos:

“1ª) Cabe aos pais criar, o mais cedo possível, o hábito de estudar em hora determinada; em geral, depois da hora de lazeres e de jogos a fim de evitar que a criança pense em brincar durante o estudo; criança acostumada a sentar todos os dias à mesma hora no mesmo lugar para fazer os deveres não criará muitos problemas quanto ao tomar a iniciativa de realizar o trabalho.

2ª) A intensidade e a frequência com a qual os pais devem intervir nos deveres, depende da criança; é evidente que nos dois ou três primeiros anos a ajuda será maior; no entanto, é conveniente fazer com que, o mais cedo possível, a criança estude sozinha. O papel dos pais deve limitar-se, em caso de dificuldade, em fazer com que a criança chegue à solução ou à conclusão por si mesma; pode-se mostrar o caminho, mas evitando dar a solução sem colaboração ativa por parte do filho.

3ª) Se houver dificuldade de tal ordem que se tornar impossível a realização dos deveres, então será necessário contato com o professor a fim de verificar se isto também acontece na escola; provavelmente isto significará a existência de algum problema a encarar com seriedade, porém, sem desespero. Aconselha-se a consulta a um serviço especializado em Psicologia Aplicada” (p. 143).

Assim, vale ressaltar as conclusões de BRANDÃO e outros (1983), de que a falta de condições dos pais para acompanharem as tarefas escolares e o conjunto de atividades do filho seriam alguns dos mecanismos de seleção e de exclusão do aluno da escola.

Essa afirmação encontra apoio nos estudos de ORTEGA (1983), em que foi verificado que as crianças das famílias de maior nível de estudo recebem mais estímulo para suas tarefas escolares e têm melhor ambiente

para a sua realização. Por outro lado, constatou uma preocupação geral em todas as famílias de todas as classes sociais, em dar a seus filhos todo o tempo necessário para a realização de suas tarefas escolares em casa. A autora deduziu ainda, a partir de sua investigação na região de Múrcia-Espanha, que a ajuda prestada às tarefas dos filhos repercute muito favoravelmente no rendimento escolar, principalmente se for de uma forma constante e flexível. A ajuda que é dada de forma inquisidora ou mesmo excessivamente controladora ou pouco conveniente inibe os desejos de trabalho da criança.

Em função do crescente número de problemas familiares também na realidade norte-americana, tem surgido a necessidade de programas que auxiliem pais no acompanhamento escolar dos filhos. WALBERG e outros (1984-85), estudaram os programas cooperativos, envolvendo professoras antigas, que visitam os lares das crianças, coordenando escola e casa com o intuito de aumentar a quantidade e a qualidade do estudo da criança. Em vinte e nove estudos controlados de tais programas, durante a década de setenta, 91% favoreceram as crianças dos grupos de controle. Esses programas se estendem ao estudo regular dos alunos na escola, além dos deveres de casa convencionais, oferecendo suporte social e material, aliado ao procedimento a ser seguido por pais, para tutorarem e encorajarem os filhos em casa, e para os professores na escola.

CALIXTO (1985) faz algumas considerações sobre a importância da supervisão e vigilância das tarefas escolares por parte da família. A autora afirma que a criança, salvo algumas exceções, não é capaz de organizar ela mesma seu trabalho por pouco que seja o que tenha de fazer em casa, talvez porque não tenha alcançado a força de vontade nem a agilidade necessárias para a realização de tarefas que exijam certa constância. Igualmente, não tem a experiência necessária para saber o tempo que gastará, por isso é difícil prever e também organizar o horário dos deveres. É, pois, muito conveniente exercer uma certa vigilância com a finalidade de que o esforço do filho não se perca, ajudando-o e assegurando-se de que realiza suas tarefas. Este fato deveria ser levado em conta, pois em muitos casos não merece a atenção devida por parte

do professorado, que exige do aluno tarefas que impliquem um grau de maturidade e organização que, de nenhuma maneira, uma criança normal possui, levando dessa forma ao fracasso escolar, particularmente aquela criança que não encontra ajuda complementar na família. A vigilância ou supervisão das tarefas dos filhos não pode ser abusiva de tal maneira que possa incapacitá-los para autodirigirem-se no futuro; deve sim, não somente facilitar a busca da informação de que eles necessitem para a tarefa, mas também proporcionar que a mesma seja feita com ordem e dentro do tempo disponível. Além do mais, as manifestações de agrado ante os bons resultados, assim como a reprovação de condutas indolentes com relação ao trabalho, condicionam favoravelmente o rendimento escolar. Ficou também demonstrado que, quando os pais delegam responsabilidade a outra pessoa ou instituição, o resultado não é o mesmo de quando os próprios pais que se envolvem com as atividades escolares de seus filhos. Contudo, é sempre mais efetiva a ajuda que vem de alguma pessoa ou instituição especializada, do que a exercida por qualquer membro do âmbito familiar diferente dos pais.

Em todos os casos, o melhor é a boa disposição ou o estar disposto a prestar ajuda, em caso de observar falhas no rendimento dos filhos. Da mesma forma que Ortega (1983), Calixto (1985) considera, a esse respeito, conveniente prestar ajuda nas tarefas escolares dos filhos de uma maneira constante, porém flexível, atentando para que não seja de forma inquisidora ou excessivamente controladora, pois, se for pouco conveniente ou exagerada, inibe os desejos de trabalho da criança. Essa variável se coloca em quarto lugar quanto à importância na escala dos fatores que influenciam no rendimento escolar do aluno, segundo os resultados obtidos pela autora.

BRASIL, E. B. de. (1987) chega a uma conclusão em sua pesquisa:

os ambientes tolerantes e democráticos encorajam a curiosidade, a experiência, a expressão de idéias e sentimentos, enquanto os controlados, em contrapartida, desencorajam estas mesmas

características, que são aprendidas e fortalecidas na família, mas se generalizam ao passar a criança do lar para a escola (p. 13).

A autora constatou em sua investigação junto a 20 famílias da classe média com filhos de ambos os sexos e de idade entre seis e dez anos, matriculados numa escola particular de 1º grau de Porto Alegre - RS, que “o desempenho dos pais na realização de tarefas, o prazer destes em vencer etapas, o estímulo a uma competição sadia, prazerosa, levam a criança a se beneficiar com suas próprias realizações obtidas por meio da aprendizagem” (p. 90).

Um outro estudo realizado no Brasil por FREITAS e outros (1994) não encontrou relação entre nível sócio-econômico e cultural dos pais e envolvimento na vida escolar do aluno. Entretanto, conforme esse estudo, à medida em que o filho cresce, diminui esse envolvimento dos pais, ou seja, acompanham mais o filho pequeno.

Na nossa realidade brasileira, o estudo de MACHADO (1994) demonstrou que os alunos com baixo rendimento escolar realmente são os menos acompanhados pelos pais. A partir daí, evidenciou a importância do acompanhamento dos pais à vida do aluno, como elemento de grande influência positiva não só no seu rendimento escolar como no seu desenvolvimento geral.

Artigos de divulgação de opinião de educadores merecem ser aqui também citados, reforçando a importância do acompanhamento escolar dos alunos pela família.

DIAS (1986) comenta que são diversas as vivências, quando a escola entra no lar por meio da lição de casa. Considera que essa possa ser uma forma de oportunizar um entrosamento e cooperação entre pais e filhos, mas deve-se cuidar para não se constituir de momentos conflituosos e tensos. Pode até vir a causar o desinteresse e alheamento de uns pelos outros.

Crianças em idade escolar. Uma época de correrias, horários a serem cumpridos, trabalhos, pesquisas, provas, boletins e lições

de casa. Uma lista enorme de responsabilidades que as crianças precisam desempenhar, de desafios constantes para pais e filhos. Entre eles destaca-se a lição de casa. Um momento significativo, no qual a escola e o lar se encontram (p. 9).

BASTOS, citada por DIAS (1986), “*Os pais devem ter, nesse momento, a atitude de um colega que está disposto a aprender junto, não de uma autoridade que dá ordens e faz cobranças, e mostrar para a criança o lado agradável e gostoso do estudo*” (p. 10). A autora pensa que os pais devem, sim, é se colocarem disponíveis ao atendimento das solicitações dos filhos, respondendo dúvidas, dando opinião, compreendendo e aceitando as limitações e dificuldades dos mesmos. Ela ainda lembra que o exemplo constitui o melhor incentivo. Por isso, os pais que gostam de ler e estudar, passam aos filhos, mesmo que informal e inconscientemente, a boa vontade de estudar. Dessa forma, enfatizando a participação dos pais, essa autora considera que diante da tarefa de casa, esta participação tem de ser dosada adequadamente; por meio dessa difícil incumbência, os pais têm de cuidar para não cair em omissão, superproteção ou severidade, além de entender que os filhos têm a necessidade de tranquilidade e segurança. Se a integração da vida escolar com a educação do lar ocorrer harmoniosamente, “*o dever de casa se tornará uma tarefa divertida e agradável para todos*” (p. 11).

Já MOUTH (1986) mostra, no mesmo artigo, acima citado, que existem duas atitudes extremas comuns aos pais: ou são omissos ou são demasiadamente ansiosos, superprotetores e exigentes, tanto em relação à vida em geral, quanto às atividades escolares dos filhos. Conclui que tanto uma atitude como outra são prejudiciais. Seria necessário a criança desenvolver seu próprio senso de responsabilidade. Assim, o melhor é deixá-la cometer erros para aprender a ser sujeito de seu próprio desenvolvimento.

FERRAZ (1988) cita, entre outros, GROSSI que diz: “Limpendo a mesa da cozinha e ajudando a criar hábitos de estudo, a família dá uma grande ajuda” (p. 15). A autora acrescenta, ainda, a importância de os

pais entenderem que o dever de casa é uma tarefa exclusiva da criança. É um momento especial, em que ela vai trabalhar o que já aprendeu na classe. Só ela pode concluir a tarefa. TADA complementa nesse mesmo artigo a idéia de Grossi, quando considera que “Colocar a criança na cama mais cedo, para que ela não chegue à escola com sono, providenciar o material escolar necessário, desligar a tevê na hora da lição de casa, fiscalizar se a lição está sendo feita, esse, sim, é o papel da família” (p. 15). E CAIXETA, analisa ainda no referido artigo, o porquê de certas atitudes dos pais.

Hoje está havendo uma inversão total das funções: a mãe quer ser professora e a professora virou babá. Acho que a família não está mais confiando no trabalho da escola por causa dos desacertos com a política educacional e do despreparo dos professores (p. 15).

Considera-se, pois, para o objetivo do presente estudo, que o acompanhamento familiar deva acontecer de forma flexível e estimulante para a aprendizagem do aluno, quando os pais tentam proporcionar um ambiente democrático, para facilitar a hora do estudo, quando procuram resolver seus problemas conjugais fora do horário de estudo dos filhos, quando estão atentos ao cumprimento dos seus deveres de casa, respeitando diferenças individuais, sabendo encaminhar as dúvidas ao professor e ajudando-o a buscar o material de que o filho necessita e que não tem em casa, quando facilitam a instalação do hábito de estudo nos filhos, atentando ao local e horário adequados para realizarem seus deveres e quando estão atentos também às necessidades de descanso e de diversão dos filhos, criando uma rotina diária bem equilibrada.

Considera-se também para o presente trabalho, que família é, segundo SÁ TELES (1993), “*uma comunidade constituída por um homem e uma mulher, unidos por laços matrimoniais, e pelos filhos nascidos dessa união*” (p. 18).

Materiais e métodos

Os dados desta pesquisa foram coletados durante o ano de 1995, sendo que quatro meses foram dedicados à observação em sala de aula e outros quatro às entrevistas. Todas as etapas foram desenvolvidas por uma única pesquisadora.

Sujeitos - A pesquisa foi realizada com alunos, pais, professoras e diretora, conforme pode-se observar na tabela abaixo.

TABELA 1
NÚMERO DE SUJEITOS OBSERVADOS E ENTREVISTADOS NO ESTUDO

Séries	Nº Turmas	Total de sujeitos observados		Total de sujeitos entrevistados				
		Alunos	Profs.	Alunos	%	pais	profs.	diretora
3 ^a e 4 ^a	1 + 3	102	3	22	21,57	22	3 (*)	1

Fonte: Escola da Rede Federal de Ensino

(*) Uma professora ministrava aulas para duas turmas.

As observações

A ordem seguida para a observação das salas de aula foi sorteada.

Dessa forma, procedeu-se aos doze dias de observação em cada sala de aula, sendo que cada aula era de 60 minutos. As observações da professora e do aluno davam-se durante toda a aula.

Optou-se por esse número de dias, para que as observações não se aproximassem muito do final do semestre, quando os alunos e também as professoras estariam muito envolvidos com avaliações. Totalizaram-se 48 dias de observação propriamente ditos, nas quatro salas observadas uma por vez, resultando em 1.224 observações, considerando-se 12 h/a por aluno da sala, com 1.124 tarefas de casa solicitadas pelas três professoras (P1, P2, P3) às quatro turmas (A, B, C e D).

. Observação do aluno:

Ao início de cada aula, passava-se verificando se o aluno tinha realizado toda ou parte da tarefa de casa, ou não a tinha realizado, e também registrando-se os que se encontravam suspensos, faltosos, haviam esquecido o caderno, saído mais cedo ou mesmo feito outra tarefa por engano, que foram classificados como “outros”. Isso era feito antes de a professora proceder à correção da tarefa ou juntamente com ela. Após o término da aula, todas as informações referentes à realização e à ação da professora eram transcritas para uma ficha de registro. Observavam-se também as dificuldades mais evidentes apresentadas pelos alunos nos conteúdos ministrados pela professora.

. Observação da Professora:

Quanto ao aspecto observado de solicitação da tarefa, verificava-se se a professora tinha ou não solicitado tarefa para casa, se ela havia ou não justificado a solicitação da tarefa, se a tarefa era referente ou não à aula dada naquele dia, se ela justificava esse fato, se a professora motivava o aluno a fazer a tarefa e de que forma isso se dava.

Considerava-se que a professora tinha solicitado tarefa para os alunos, quando a mesma estabelecia aos alunos o que teria de ser feito em casa em relação ao conteúdo da disciplina. Quanto à justificativa, considerava-se assim, quando a mesma citava ou mesmo deixava entendido o motivo pelo qual ela estava solicitando aquela tarefa.

A motivação era observada em relação à solicitação, se ela motivava fazer toda tarefa, parte da tarefa, ou se não motivava fazê-la. Eram consideradas motivações todas as ações da professora utilizadas para chamar a atenção do aluno para a importância de fazer aquela tarefa.

Quanto ao aspecto da correção da tarefa, verificava-se se a professora corrigia ou não a tarefa, se ela justificava ou não aquela correção, se a correção era ou não referente à aula passada e de que forma ocorria aquela correção. Considerava-se que a professora tinha

corrigido a tarefa, quando ela desenvolvia algum tipo de ação que chegava até o conhecimento dos alunos sobre a tarefa que ela havia solicitado, observando sempre se aquela correção era referente ou não à tarefa solicitada na aula anterior. Quanto à justificativa, considerava-se assim quando ela comentava ou deixava entendido o motivo da correção. Verificava-se a forma que a professora utilizava para corrigir ou não a tarefa, observando-se a ação dela para com a tarefa solicitada.

Considerava-se ação tudo o que a professora falava ou fazia em relação ao aluno, que o fizesse perceber que seu ato de realizar ou não a tarefa estava correto ou errado.

. Classificação dos alunos pelas professoras:

Ao iniciar o 2º semestre de 1995, procedeu-se à segunda parte da coleta de dados com o objetivo de se conhecer melhor a realidade que envolvia a tarefa de casa. Partindo-se da amostra anterior, ou seja, dos cento e dois alunos, foram buscados dados sobre o rendimento dos mesmos. Para isso, solicitou-se às três professoras das quatro turmas, que, em primeiro lugar, citassem as características mais comuns dos seus alunos (como aluno da disciplina Matemática), para que posteriormente se pudessem conhecer as características positivas e negativas apresentadas por eles. Após esta caracterização, solicitou-se ainda que as mesmas professoras conceituassem seus alunos em Excelentes, Bons e Muito Bons (todas as vezes em que se referir aos alunos bons, entende-se que se estão considerando os alunos bons e muito bons) e Fracos, com o objetivo de se utilizarem essas informações para análise posterior e ainda organizar uma amostra dos mesmos para a entrevista. Decidiu-se partir da classificação das professoras com base no estudo de MAIMONI e MOTA (1994), que mostra o quanto o julgamento da professora se prende a comportamentos de envolvimento com a tarefa apresentados pelo aluno, em sala de aula.

. As entrevistas

Utilizou-se este outro instrumento de coleta de dados, com o objetivo de se obter um maior aprofundamento das informações colhidas nas observações. Optou-se pela entrevista semi-estruturada, pelo fato de esta não impor uma ordem rígida de questões, permitindo uma interação maior entre entrevistado e entrevistador, além de um maior conhecimento do assunto em pauta.

Buscou-se realizar a entrevista primeiramente com os alunos, e depois com os pais, em função das informações que se poderiam obter com os alunos sobre as características familiares, a serem confirmadas ao se entrevistarem os pais. Após a classificação das professoras, foram sorteados dois alunos entre os excelentes, dois entre os bons e muito bons e dois alunos entre os classificados pela professora como fracos, tendo-se, portanto, seis alunos por sala, para a realização das entrevistas, perfazendo um total de 24 alunos. Destes, permaneceram 22, devido a dois pais de alunos excelentes não terem permitido a entrevista. Portanto, foram entrevistados 22 pais e igual número de alunos. Além destes, também entrevistaram-se as três professoras das turmas observadas e a diretora geral da escola, perfazendo um total de 48 entrevistas, buscando-se, dessa forma, cercar todo o tipo de envolvimento de pessoas com a tarefa de casa.

Finalizaram-se as etapas dos procedimentos, ao término do ano letivo, quando se levantaram as notas do último bimestre, média final e resultado final em termos de aprovação ou reprovação de cada aluno das turmas observadas, na disciplina Matemática.

Em vista do número reduzido de salas de aula ($N = 4$) e de alunos entrevistados ($N = 22$) neste estudo, a sua validade externa é limitada, razão pela qual os dados serão apresentados em forma de frequência e porcentagem a exemplo de JUNGER e REINERT (1989). Esses dados encontram-se nas tabelas e, como ponto de apoio, utilizaram-se figuras com percentuais, para facilitar a compreensão e comparação. As frequências

e porcentagens foram calculadas a partir das respostas dos entrevistados, que foram organizadas em categorias de fala, com base no que se observou em sala de aula. Sendo assim, não se utilizaram provas estatísticas de significância, tratando-se, portanto, de uma estatística descritiva.

Com referência aos critérios relacionados às porcentagens, estabeleceu-se o seguinte: Até 69,9% as porcentagens serão consideradas baixas, médias de 70% a 79,9% e altas de 80% a 100%.

Para informações sobre a escolaridade, o nível profissional e o horário de trabalho dos pais, utilizaram-se dados somente daquele pai ou mãe que realmente interferia na educação escolar do filho.

Apresentação dos resultados

1ª parte: Observações

Verificou-se que há três momentos a serem considerados: um que antecede o dever de casa e se dá em sala de aula, correspondendo ao como a professora solicita o dever, justificando-o e motivando os alunos a fazê-lo; outro que ocorre também em sala de aula e corresponde às ações da professora no momento da correção do dever, envolvendo as conseqüências fornecidas pela mesma e pela escola ao aluno; e um terceiro momento, em que o aluno realiza em casa o dever.

Os dados aparecem na seqüência em que ocorrem na realidade: 1 - a professora solicita ou não a tarefa de casa, 2 - os alunos realizam ou não a tarefa de casa e 3 - a professora corrige ou não a tarefa de casa, desenvolvendo ou não ações junto aos alunos.

1 - A professora solicita ou não a tarefa de casa

Observam-se pela Figura 1 dados por turma, resultantes das observações, referentes aos **momentos da solicitação de tarefa de casa** pelas professoras.

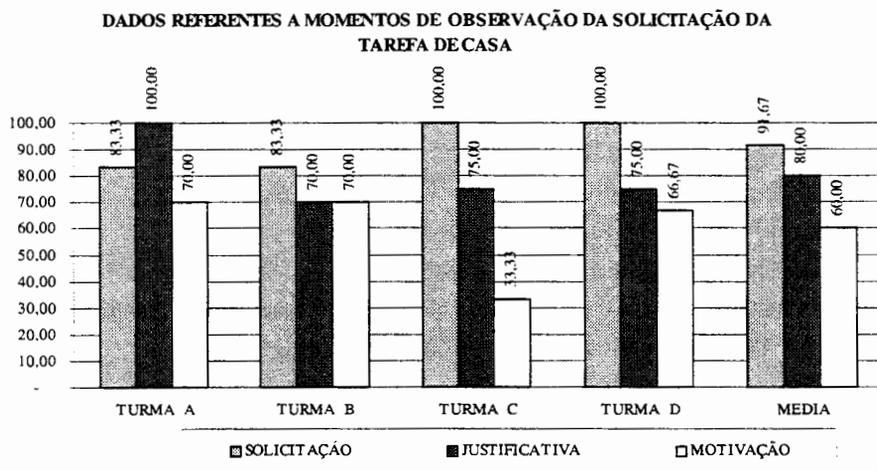


Figura 1

2 - Os alunos realizam ou não a tarefa de casa

Pelas Figuras 2, 3, 4 e 5, conhece-se o número de vezes por turma, em que os alunos classificados como excelentes, bons ou muito bons (todas as vezes em que se referir aos alunos bons, entende-se que se estão considerando os alunos bons e muito bons) e fracos pelas professoras, **realizaram toda, parte ou não realizaram a tarefa de casa e ainda os chamados “outros”⁴.**

⁴ Conforme especificado na Metodologia, “outros” são alunos que no período de observação se encontravam suspensos, faltosos, ou saíram mais cedo, esqueceram o caderno ou fizeram outra tarefa por engano.

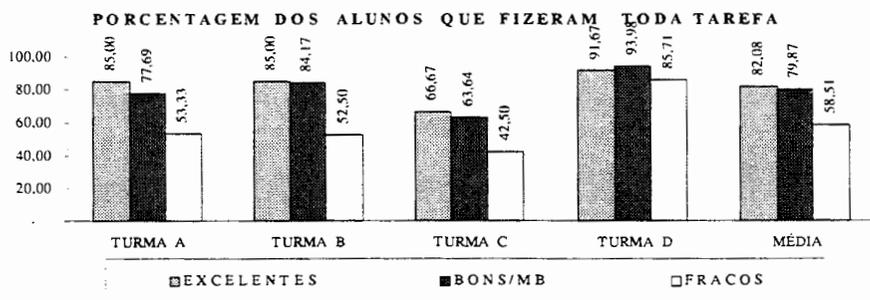


Figura 2

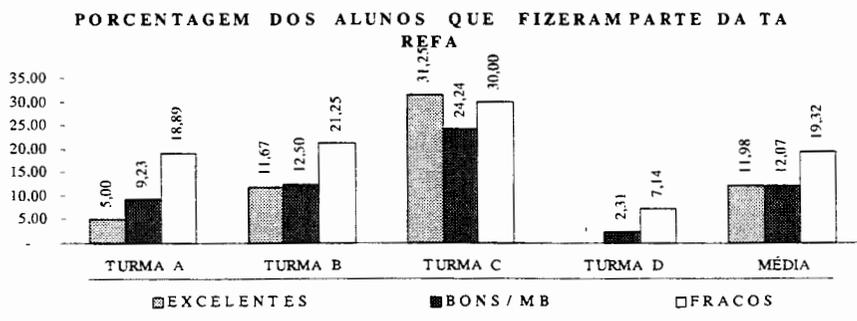


Figura 3

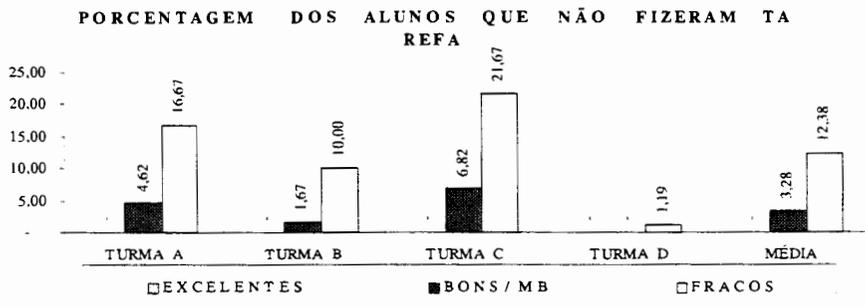


Figura 4

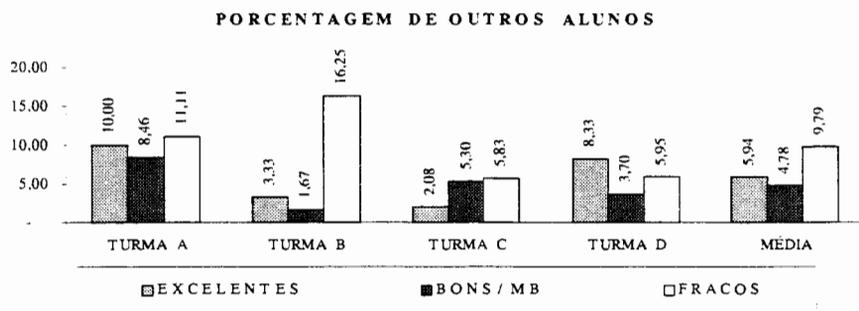


Figura 5

Portanto, mais alunos excelentes fizeram toda lição em três turmas (A, B e C) e os bons na turma D com pequena diferença para os excelentes; mais alunos fracos é que fizeram parte da tarefa, com exceção da turma C, em que os excelentes os superam, por pequena margem de diferença e, por fim, tem-se que mais alunos fracos é que deixaram de realizar suas tarefas de casa, conforme se verifica em todas as turmas.

Referindo-se à porcentagem de “**outros alunos**”, tem-se conforme se verifica na Figura 5, que nas turmas A, B e C existiu uma maior porcentagem de alunos fracos suspensos, faltosos, esqueceram o caderno, saíram mais cedo ou fizeram outra tarefa por engano, ocorrendo o oposto somente na turma D, em que a maior porcentagem acontece entre alunos excelentes. Portanto, mais alunos fracos estavam suspensos, ou tinham faltado à aula, ou não trouxeram o caderno com a lição ou saíram mais cedo da aula, ou ainda fizeram outra tarefa por engano, por ocasião das observações, conforme mostra a média.

3 - A professora corrige ou não a tarefa de casa

Por meio da Figura 6, verificam-se momentos da correção da tarefa de casa, observados nas turmas A, B, C e D.

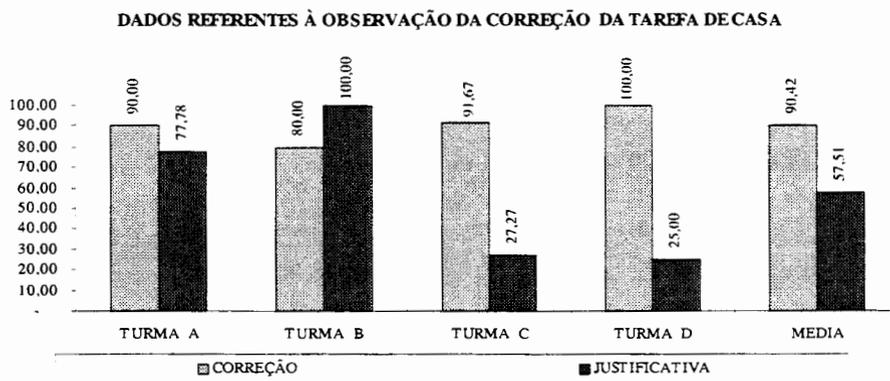


Figura 6

2ª parte: Entrevistas

Os dados das entrevistas tratarão primeiramente das respostas dos alunos; a análise obedecerá à classificação feita pelas professoras, comparando-se freqüências entre os alunos fracos, bons/muito bons e excelentes na disciplina Matemática. A seguir, passa-se à análise das entrevistas dos pais dos alunos. Depois faz-se uma análise das entrevistas das professoras, e por fim, das respostas da diretora da escola.

. Considerações dos alunos sobre tarefa de casa

Ao serem perguntados sobre a importância da tarefa de casa, todos os alunos foram unânimes em afirmar que a tarefa é importante. A seguir, disseram os motivos do porque da importância de se fazer a tarefa de casa, conforme algumas afirmações que se seguem:

“Porque a gente exerce mais a prática. A gente aprende melhor. Aprende matéria aqui, e em casa a gente aprende mais. Se ficasse

só aqui a gente aprendia menos”.

“A gente mostra pra professora o que a gente aprendeu e a professora vê se a gente é responsável pelos deveres”.

“Porque ela passa. Se a pessoa não der conta, ela leva para tirar dúvida com a professora”.

Porém, ao serem indagados sobre se gostavam de fazer tarefa de casa, nem todos os alunos disseram gostar de fazê-la, conforme dados da Figura 7.

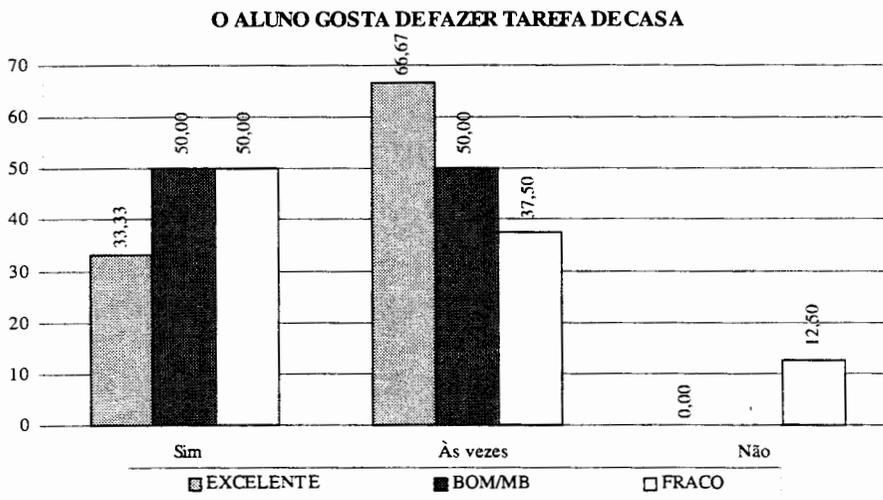


Figura 7

Observam-se algumas justificativas de suas respostas:

Sim:

“Porque em casa tem mais tempo, mais espaço, pra gente fazer e mais tempo pra gente pensar”.

“Porque ela está ajudando mais”.

Às Vezes:

“Quando é muita tenho preguiça e quando é pouca faço sem reclamar”.

- “Porque às vezes eu poderia estar assistindo televisão com os outros e não posso porque tenho que fazer tarefa”.

Não:

“Às vezes quando estou fazendo tarefa, quero brincar, andar de bicicleta”.

Observa-se, então, a partir dos dados apresentados, que a maioria dos alunos excelentes disseram que às vezes é que gostam de fazer a tarefa, apesar de considerá-la importante; enquanto os alunos bons e fracos são mais simpáticos à tarefa de casa.

. Considerações das professoras sobre tarefa de casa

O Quadro 1 mostra as respostas das professoras referentes às razões pelas quais as mesmas solicitam tarefa para casa.

QUADRO 1
DADOS REFERENTES ÀS RAZÕES PELAS QUAIS AS PROFESSORAS DE
MATEMÁTICA CONSIDERAM QUE SEJA IMPORTANTE A
SOLICITAÇÃO DA TAREFA DE CASA

PROF ³	RAZÕES DE SE SOLICITAR A TAREFA DE CASA
P1	Porque se o aluno fizer a tarefa ele terá condições de saber se sabe ou não o conteúdo dado, ao mesmo tempo que estará fixando-o. Nunca exigi que fizesse sem saber. Se não souber é para ser sanada a dúvida na correção.
P2	Porque se o aluno tiver o interesse de fazer a tarefa, e os pais cobrarem (se ele entendeu ou não e se não entendeu devolver à sala para tirar a dúvida), poderá influenciar bastante na aprendizagem.
P3	Porque se não tiver a tarefa de casa, o tempo da sala é curto, não é suficiente para trabalhar um assunto para tirar todas as dúvidas. A tarefa é essencial.

Observa-se que as três professoras consideram essencial a tarefa de casa, como uma oportunidade de resolver dúvidas que ficaram das aulas.

. Considerações dos pais sobre tarefa de casa

PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE A IMPORTÂNCIA DO DEVER DE CASA

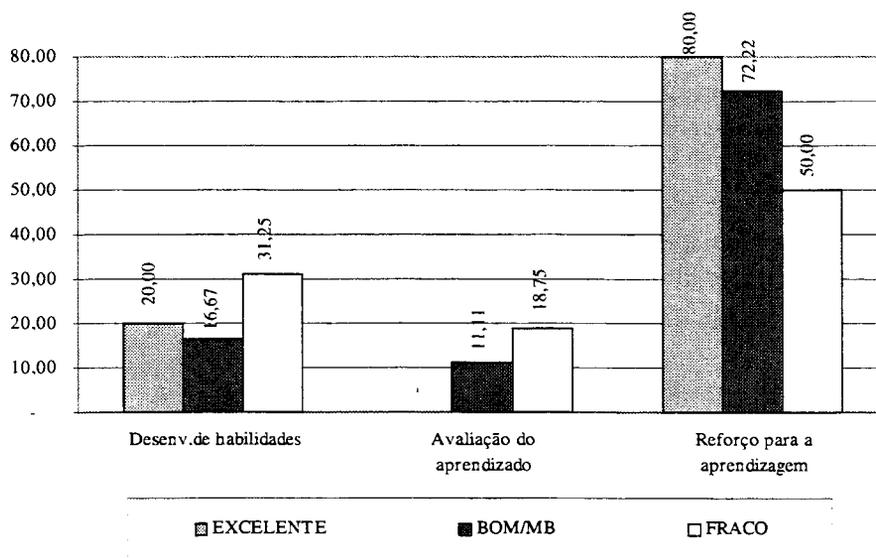


Figura 8

A Figura 8 mostra os aspectos relevantes apresentados pelos pais quanto à tarefa de casa, agrupados dentro de três categorias: desenvolvimento de habilidades, avaliação do aprendizado e reforço para a aprendizagem.

Assim, observa-se que a maioria dos pais dos alunos excelentes, bons e fracos, consideram que o dever de casa é importante, devido a ser um reforço para a aprendizagem (estudar sozinho aprende mais, complementa o estudo, fixa o conhecimento, possibilita tempo extra para

aprender o estudo, força o aluno a estudar, se dosada e quantificada dá resultado, se o aluno for incentivado e não fizer por obrigação dá bom resultado).

Em se tratando do desenvolvimento de habilidades (exige responsabilidade do aluno, cria hábito de estudo), 20% dos pais dos alunos excelentes, 16,67% dos pais dos alunos bons e 31,25% dos pais dos alunos fracos vêem a importância do dever de casa. Quanto à avaliação do aprendizado (forma de os pais avaliarem o estudo dos filhos, forma do aluno avaliar o que sabe), verificou-se que 11,11% dos pais dos alunos bons e 18,75% dos pais dos alunos fracos vêem a importância do dever de casa.

. Considerações da diretora sobre a tarefa de casa

Quando foi indagada se, ao elaborar o currículo da escola, era levada em consideração a tarefa de casa, ela respondeu que não, pois esse é um assunto pouco discutido. Não é um assunto de relevância. Há muita divergência, daí tem-se dificuldade de se chegar a um consenso. Para ela, a tarefa de casa é um recurso de fixação e aplicação de aprendizagem ou serve para sondar o conhecimento que o aluno tem sobre determinado assunto, mas os cursos não costumam tratar desse assunto “tarefa de casa”.

Quanto à escola realizar algum trabalho com os pais, para instruí-los sobre como acompanhar o filho em casa, a diretora disse que normalmente isso se dá no início do ano, quando as professoras falam sobre o assunto nas reuniões. Comentou, ainda, que no manual do aluno há esclarecimentos sobre isso, mas disse que o mesmo não é mais verificado, devido a divergências; contudo ficou combinado que se trataria dele nas reuniões. “*O compromisso com a tarefa de casa é de fazer para aprender e não de fazer por fazer*”.

Quanto à forma pela qual os pais devem auxiliar na tarefa de casa, ela acha que eles devem estimular a fazê-la, observar as dificuldades e conversar com o professor para tentar saná-las.

Ela ainda acha que a tarefa de casa não influencia necessariamente na aprendizagem do aluno. O aluno pode aprender independentemente dela. Mas ela contribui para a formação do hábito de estudo, auxiliando na fixação do aprendizado. A aprendizagem acaba ficando mais concreta. Assim sendo, apesar de ela achar que o aluno pode aprender independente da tarefa de casa, ao mesmo tempo entende-se que ela percebe a importância dela, em outros momentos.

Conclusão

Comprova-se a hipótese do estudo, observando-se os resultados, em que os alunos considerados excelentes por suas professoras, são aqueles que mais realizam toda tarefa de casa (exceto na turma D), nunca deixando de realizá-la, mesmo que parcialmente, principalmente se comparados aos alunos classificados como fracos. Eles também foram aprovados com média superior aos últimos, e apresentando um número maior de características positivas, quando descritos pelas professoras.

Isso encontra apoio no estudo realizado por MAIMONI e MOTA (1994), em que foi verificado que o julgamento da professora mostra-se influenciado por comportamentos do aluno de envolvimento com a tarefa escolar.

Os alunos bons/mb foram aprovados com média entre 70% e 79% e os fracos foram aprovados com média entre 60% e 69%. Os alunos considerados fracos da turma D foram aqueles que ficaram de recuperação com a melhor média, acima de 50%, talvez porque foram os que mais tarefa de casa total ou parcial fizeram naquele período de observação. E aí o número de tarefa realizada parece que influenciou positivamente mais uma vez, além da quantidade diária de tarefa solicitada pela professora dessa turma, que não era muita, dando para corrigir todos os dias.

Fica ainda mais evidenciada a relação da tarefa de casa com o rendimento do aluno, quando se verifica que os alunos classificados como fracos ou aqueles com baixo rendimento escolar são os que apresentam mais dificuldades em cumprir totalmente sua tarefa de casa e também

aqueles que mais deixam de fazê-la. Ao mesmo tempo, parece que eles têm muita vontade de aprender, pois foram os que mais tentaram fazer as tarefas, ou seja, foram os alunos que mais realizaram parte da tarefa de casa, parecendo querer mostrar que são esforçados, que se não cumprem totalmente a tarefa, é porque não têm os pré-requisitos para fazê-la, e se são fracos também, não é obrigatoriamente devido à não realização das tarefas de casa, mas outras variáveis também podem estar envolvidas. Talvez o seu esforço devesse ser recompensado de alguma forma pela professora. Esses alunos perceberiam que vale a pena tentar e, assim, a professora passaria aos poucos a exigir mais deles. Os resultados indicaram de fato que as professoras apresentam mais *ações* conseqüentes ao comportamento do aluno fraco, talvez devido às suas preocupações girarem em torno da dificuldade de aprendizado dos mesmos. Esse resultado foi também observado por MAIMONI (1995), contrariando dados anteriores da literatura, que mostravam que o professor tende a marginalizar o aluno com dificuldade de aprendizagem. Um estudo mais apurado das ações antecedentes e conseqüentes das professoras talvez conduzisse a uma melhor compreensão do como auxiliar o aluno fraco a realizar seu dever de casa sozinho e ser bem sucedido. No momento, o que se pode sugerir é que o dever seja elaborado de acordo com a dificuldade do aluno. E que como os alunos, independentemente da sua classificação, consideraram, na sua maioria, positivas as ações das professoras quando da solicitação e correção da tarefa de casa, isso leva a crer que os mesmos poderiam tirar melhor proveito desses dois momentos. Assim, após vários comentários, pode-se verificar que ainda hoje, a tarefa de casa pode ser considerada um círculo vicioso, conforme comentado anteriormente, pois, se os três momentos da tarefa, não forem bem trabalhados pelos envolvidos; professor, aluno e família, ela poderá deixar de contribuir com uma proporção bem maior com a aprendizagem do aluno do que ela é realmente capaz de beneficiar. Mesmo assim, analisando os resultados obtidos, por meio do estudo de cada tipo de aluno, pode-se concluir que parece que a tarefa de casa, além de poder contribuir para a aprendizagem do aluno, levando-o a um melhor

rendimento, pode também ser um meio de integração entre o aluno, o professor e a família. Assim sendo, espera-se que este estudo possa levar a enfoques mais reflexivos sobre o que ocorre em torno da tarefa de casa.

Bibliografia

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.
- BASTOS, L. *A criança diante da TV: um desafio para os pais*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- BRANDÃO, Z., BAETA, A. M. B., ROCHA, A. D. C. da. O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil (1971-1981). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 64, n. 147, p. 38-69, maio/ago. 1983.
- BRASIL, E. B. de. *Os pais e a criança: sucesso e insucesso escolar*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987. (Dissertação de Mestrado).
- CALIXTO, P. S. Influencia de los medios en el rendimiento escolar. *Anales de Pedagogia*, Murcia - España, n. 3, p. 29-60, ene. 1985.
- DIAS, T. Lição de Casa: pais e filhos descobrem juntos a alegria de aprender. *Família Cristã*, São Paulo, v. 52, n. 604, p. 8-11, abr. 1986.
- FAGUNDES, M. B. Minhocas no asfalto. *Amae Educando*, Belo Horizonte, v. 24, n. 219, p. 21-2, maio. 1991.
- FERRAZ, C. R. Pais X Professores: o papel de cada um na alfabetização. *Nova Escola*, São Paulo, v. 3, n. 22, p. 12-7, jun. 1988.

_____. Esses pais de alunos... *Nova Escola*. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 48-51, abr. 1986.

FREITAS, G. B., MAIMONI, E. H., SIQUEIRA, M. M. M. Escala de envolvimento dos pais na vida escolar do aluno. Abstracts / Resumos do XVII International School Psychology Colloquium e II Congresso Nacional de Psicologia Escolar, Campinas, p.118, 1994.

JUNGER, W., REINERT, G. En busca de tareas para la casa que causen placer. *Educacion*, Tubingen - Alemanha, v. 39, p. 107-22, 1989.

MACHADO, E. M. *A participação dos pais no processo de alfabetização: acompanhamento de estudo*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1994. (Dissertação de Mestrado).

MAIMONI, E. H. Relato verbal e julgamento da professora sobre o rendimento do aluno: relação com os comportamentos observados em sala de aula. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 9, n.17, jul./dez. 1995.

MAIMONI, E. H., MOTA, C. T. Relato verbal e julgamento da professora sobre o rendimento do aluno: relação com os comportamentos observados em sala de aula. *Resumos de comunicações científicas*. XXII Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto, 1994, p. 24.

ORTEGA, P. Expectativas socio-culturales de los padres y medio socio-familiar. *Anales de Pedagogía*. Murcia - España, n. 1, p. 181-205, 1983.

_____. Medios socio-familiares y motivación y ayuda al estudio. *Anales de Pedagogía*. Murcia - España, n. 1, p. 207-28, 1983.

SÁ TELES, J. F. de. *Pedagogia familiar; os pais na educação dos filhos*. Salvador: Ianamá, 1993. 120p.

WALBERG, H. J., PASCHAL, R. A., WEINSTEIN, T. Homework's powerful effects on learning. *Educational Leadership*, Chicago, v. 42, p. 76-9, apr. 1985.

WEIL, P. *A criança, o lar e a escola: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores*. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.